



7º Encontro Internacional de Política Social
14º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Contrarreformas ou Revolução: respostas ao
capitalismo em crise
Vitória (ES, Brasil), 3 a 6 de junho de 2019

Eixo: Classe social, raça/etnia e sexo.

**INCURSÕES, SOCIOPOLÍTICA E LUTAS SOCIAIS DOS MOVIMENTOS
LGBT'S**

Elton Santa Brígida Rozario¹

Resumo

O presente trabalho é produto de uma pesquisa de Mestrado que resultou na Dissertação, no qual foi um estudo acerca da atuação do Movimento LGBT no município de Belém do Pará, teve o intuito de realizar uma análise crítica e construtiva no que cerne as violações aos sujeitos LGBT's e LGBTfobia via a identificação dos processos políticos e identitários dos movimentos. O percurso metodológico foi através da pesquisa qualitativa, assim como a pesquisa documental, observação sistemática, bibliográfica e de campo. Nossos resultados direcionam para uma análise eminentemente histórica e de resgate da memória do movimento LGBT assim como o seu refortalecimento nesta conjuntura contemporânea de retrocessos no atual esfacelamento da carta magna brasileira e da violação à cidadania.

Palavras-chave: Movimento LGBT; processos políticos; cidadania; LGBTfobia.

Abstract

The present work is the result of a Master's research that resulted in the Dissertation, which was a study about the performance of the LGBT Movement in the city of Belém do Pará, with the purpose of carrying out a critical and constructive analysis regarding the violations of the subjects LGBT's and LGBTophobia via the identification of the political and identity processes of the movements. The methodological course was through qualitative research, as well as documentary research, systematic, bibliographical and field observation. Our results point to an eminently historical analysis and rescue of the memory of the LGBT movement as well as its reinforcement in this contemporary conjuncture of setbacks in the current collapse of the Brazilian Magna Carta and the violation of citizenship.

Keywords: Movimento LGBT; processos políticos; cidadania; LGBTfobia.

Introdução

A história nos revela o quanto as relações sociais imbricadas pelo poder estiveram subjacentes em se tratando do sexo. O masculino e o feminino constantemente foram determinados pela hierarquização sexual, advindo de valores morais e culturais da sociedade. E, no decorrer das transformações sociais no mundo, novos valores vêm sendo adquiridos e ao mesmo tempo sofrendo alterações.

A iniciativa desta pesquisa surgiu a partir da *tríade*: vivência no Movimento LGBT de Belém; experiência na extensão universitária no Programa Universidade Popular em Direitos Humanos – PUPDH, de 2009 a 2013 e relevância para a categoria de Assistentes Sociais. A escolha da temática e do objeto: atuação dos Movimentos LGBT's na construção de políticas públicas de enfrentamento à LGBTfobia, sucedeu-se

¹ Assistente Social, Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Serviço Social e Políticas Públicas pela UFPA. E-mail: <eltonsanta@hotmail.com>.

da reflexão e problemática da indagação acerca da importância das lutas históricas dos movimentos LGBT's para o marco das políticas públicas em Belém do Pará.

A pesquisa mencionada suscitou novas questões para a investigação social, dentre elas a relevância do movimento social LGBT na formulação de políticas públicas de enfrentamento à LGBTfobia e à garantia de direitos humanos em Belém, corroborando para objeto dessa nova proposta de investigação.

1. Processo de mobilização e organização dos movimentos LGBT's em Belém-Pa

O processo de organização e mobilização do movimento LGBT no município de Belém do Pará esteve intimamente ligada à manifestação popular "*As filhas da chiquita*", num período que antecedeu tanto a Constituição Federal de 1988 com abertura política democrática brasileira, assim como os novos formatos e sociabilidade dos movimentos sociais LGBT's a partir do final da década de 1990.

Numa análise de conjuntura acerca do movimento LGBT paraense e o movimento em nível nacional, pode-se afirmar que em Belém esse movimento configurava-se de forma particularizada num processo de construção enraigado por manifestações culturais e artísticas, no qual diferencia-se em relação à conjuntura nacional. Esses movimentos buscavam um novo processo de unificação e de pautas hegemônicas através da nova conjuntura política a partir da redemocratização brasileira, todavia, a concentração e visibilidade crescia em torno de específicas localidades centrais, assim como determinadas regiões do Brasil, concentrava-se nas regiões: sudeste, sul, centro-oeste e alguma parte do nordeste.

Segundo Simões; Facchini (2009), o primeiro Grupo LGBT, o SOMOS se assume no final da década de 1978 e início de 1979 em plena repressão ditatorial, reunindo militantes e estudantes da Universidade de São Paulo – USP, num processo veloz e progressivo crescimento. O SOMOS era dividido em sub-grupos no qual os militantes se reuniam em espaços públicos como Centros Acadêmicos (CA's) , espaços universitários na USP.

Vários autores (FACCHINI, 2005; PRADO E MACHADO, 2008; SIMÕES E FACCHINI, 2009) afirmam que o celeiro e origem deste movimento no Brasil se deu a partir da região sudeste, especificamente em São Paulo e regiões adjacentes. E onde estaria o movimento Homossexual de Belém no cenário nacional? Estaria a região

amazônica excluída da gênese do movimento LGBT brasileiro? Convém partirmos da reflexão que está posta no processo sócio-histórico deste movimento que traz consigo reflorescimento organizativo e político, em regiões específicas da sociedade brasileira.

Neste mesmo momento da história, o movimento Homossexual de Belém se construía por um outro viés, por uma conjuntura que se diferenciava da realidade da região sul, sudeste e nordeste do Brasil. Nesta conjuntura histórica os primeiros ensaios de construção do movimento LGBT paraense, partia da manifestação sócio-cultural conhecida como “Festa da Chiquita”, já mencionada neste trabalho, que além de ser construída da simbologia cultural e religiosa da sociedade paraense, também corroborou para construção do movimento LGBT paraense contemporâneo.

Para Montaño e Duriguetto (2011), o movimento LGBT amplia e se afirma no decorrer do processo de democratização dos países latino-americanos, muito também em função da reação aos ataques e ao aumento do preconceito decorrente do surgimento da epidemia da AIDS, considerada, pelos setores conservadores da sociedade, uma *peste gay*. E neste viés o Brasil apresenta um histórico diverso acerca das estratégias conjunturais da expansão do movimento LGBT, pois, as cinco regiões brasileiras apresentam singularidades peculiares assim como especial a região amazônica.

No início a década de 1990, o Movimento Homossexual de Belém não tinha apoio de ninguém, principalmente por parte do governo do estado, e realizavam reuniões em uma sala cedida provisoriamente pelo PPS-Partido Popular Socialista, na travessa Apinagés, mas um número significativo de militantes homossexuais reclamava do difícil acesso ao local, devido às constantes agressões e assaltos (BELÉM, p. 205, 2003).

No processo histórico da organização e mobilização do movimento LGBT de Belém em consonância com o movimento LGBT brasileiro, foram realizadas as três Conferências nacionais e estaduais paraense.

Já no contexto paraense, a I Conferência LGBT do Estado do Pará foi realizada no município de Belém de 10 a 12 de abril de 2008, com a apresentação do Programa Pará sem Homofobia, a II Conferência realizada em maio de 2011 e III Conferência de 4 a 6 de março de 2016.

As Conferências LGBT’s paraense, tornaram-se como referência para o marco da construção de Políticas Públicas de enfrentamento à LGBTfobia e estratégias de organização do movimento LGBT. A partir das Conferências, o movimento construiu

mecanismos não apenas de crítica à gestão do poder executivo e legislativo, mas possibilitou a unificação do movimento através do diálogo e fortalecimento do controle social e das políticas públicas LGBT's, assim como avanços no Conselho de Políticas, Conselho Estadual do Pará da Diversidade Sexual – CEDS e Conselho Nacional de Combate de Discriminação LGBT – CNCD-LGBT.

2. Festa da Chiquita e Movimento LGBT: Onde tudo começou

A festa da Chiquita tem imbricada em sua origem o cerne da construção histórica do movimento LGBT em Belém:

... Tendo como referência uma fala muito difundida entre os participantes da Festa da Chiquita, de que esta seria “a primeira parada gay do mundo”, proponho também que se pense na Chiquita a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do Estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de segurança pública, por conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento (FILHO, p. 18, 2012).

Para Filho (2012), iniciada entre os anos de 1975 e 1976, com o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré.

No ideário da manifestação e festa LGBT mais antiga da cidade de Belém *As Filhas da Chiquita*² a partir de meados da década de 1970, surgia o embrião dos movimentos sociais LGBT's paraense, seu aparecimento copilava irreverência e miscigenação do religioso e profano, o que era uma simples e grande homenagem ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré padroeira paraense, tornava-se o “grito dos excluídos”.

De acordo com o Documentário (2004) estavam presentes nessa manifestação: prostitutas, mendigos, lésbicas, gays, travestis e transexuais – LGBT', negros etc, e esta era a oportunidade da sociedade marginalizada terem visibilidade enquanto cidadãos de

² Documentários as Filhas da Chiquita disponibilizados em: http://www.youtube.com/watch?v=7Cu_mt2SXBc.

direitos e nada mais na maior manifestação católica do mundo - o *círio de Nazaré* no qual despertava a indignação e organização dos homoafetivos paraenses, provocando a mobilização através da reação de enfrentamento ao preconceito e discriminação homofóbica.

A festa da chiquita inicia como um bloco de carnaval na década de 1970 tem uma das principais referências a música de Caetano Veloso, “As filhas da chiquita”, num período de repressões, intolerância e governos ditatoriais.

Foi fomentada pelos grupos de gays da associação carnavalesca de Belém com posicionamento de enfrentamento intolerância da igreja e Estado repressor, no qual o ponto de encontro o bar do Parque na Praça da República.

No início da manifestação na década de 1970 foi criado o prêmio veado de ouro, no qual consistia numa miniatura de um veado dourado entregue a personalidades LGBT’s e cidadãos que faziam parte da conjuntura de enfrentamento à homofobia em Belém. A premiação (troféu) surgiu a partir da relação de intensos conflitos com o jornalista: Oliveira Bastos, cujo dissertava diversas críticas a manifestação, de cunho intolerante e homofóbico.

Após o surgimento dessa manifestação, entre as décadas de 1980 e 1990 com a efervescência dos movimentos sociais brasileiro, o estado do Pará avança sob influências de mobilização LGBT na região norte. Em 2004, a Festa da Chiquita foi tombada como patrimônio cultural brasileiro e parte do Círio de Nazaré pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural - IPHAN³.

Em Belém do Pará, as organizações: Somos e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis - ABGLT⁴ influenciaram o modelo seguido por dezenas de entidades e organizações. Nesse processo de mobilização social brasileira, destacam-se os movimentos LGBT’s da região paraense e dentre ele os principais⁵ surgidos a partir da década de 1990: o Movimento LGBT, o Grupo de Homossexuais do Pará (GHP), ONG COR (Cidadania, Orgulho e Respeito), Grupo Pela Livre Orientação Sexual (APOLO) e o Grupo de Travestis e Transexuais de Belém (GRETТА), OLIVIA, ELLOS e ENTRE ELES. Os movimentos vêm sofrendo constantes críticas por parte da

³ Dossiê IPHAN I Círio de Nazaré que oficializa o tombamento da Festa da Chiquita enquanto patrimônio cultural nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=725>.

⁴ Somos e ABGLT foram os grupos pioneiros de enfrentamento à homofobia na sociedade brasileira.

⁵ O mapeamento dos movimentos sociais LGBT’s em Belém foi realizado a partir de pesquisa documental e de campo no período de agosto à novembro de 2015..

própria militância LGBT, e são problematizações internas recente no que diz respeito a imparcialidade e inferências político-partidárias, cujo elementos interferem na autonomia dos movimentos, uma vez que a maioria dos grupos participam de programas governamentais e possuem afinidades com determinados partidos políticos e governos. O maior desafio dos movimentos LGBT's está na estrutura de formação, independência e olhar crítico nas políticas públicas.

Na atual Política Pública destinada para os cidadãos LGBT's brasileiros destaca-se por sua construção, uma vez que historicamente o Estado jamais tinha dado um salto emancipador no sentido de políticas para uma livre orientação sexual que se consolidaram a partir dos anos 2000.

Neste sentido, a pesquisa de campo realizada a partir do mapeamento dos movimentos sociais e seus respectivos militantes, proporcionou conhecer a atual realidade e conjuntura da atuação dos movimentos, cuja ida ao campo com instrumentais da pesquisa qualitativa intermediou conhecer tal realidade. No qual a amostra qualitativa do universo da participação social LGBT, definiu a caracterização dos movimentos, acerca da identificação dos movimentos, histórico e surgimento, institucionalização e temáticas de origem.

Ao mesmo tempo em que “As filhas da chiquita”, tem significado histórico, cultural e simbólico para a sociedade paraense, ela é vista com altas críticas:

Apesar da visibilidade das pessoas LGBT na Festa da Chiquita, da frequência cada vez mais “tolerada e permitida” em boates, bares, saunas, cinemas, clubes e festas e do fortalecimento dos contatos e das redes sociais (*online* ou *off-line*) existe uma intensa manifestação no sentido contrário, externalizada em atos do que podemos chamar de homofobia institucional, como os descritos acima, operados por indivíduos e instituições contrárias às manifestações homoeróticas, isto é, a quaisquer divergências em relação às combinações impostas como “naturalmente determinadas” colocando os sujeitos que as expressam em lugar de desvantagem social; num período do ano, particularmente interessante em Belém, pois é o momento de maior sensibilidade religiosa por conta do Círio de Nazaré, ou, como nos diz Alves (1980), neste momento de “carnaval devoto” (FILHO, 2012, p. 12).

Segundo Filho (2012), as reflexões acerca da Festa da Chiquita, possibilita uma análise crítica a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de

segurança pública, por conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento.

Neste sentido, a festa da Chiquita é considerada:

Este momento de “festa dentro da festa” pode ser entendido como fruto de reivindicação e afirmação política de sujeitos homoeróticos que tomam a Praça da República assim que passa a Trasladação em direção à Catedral Metropolitana de Belém, tudo isso envolto numa atmosfera onde a noite representa um papel importante por: **permitir** que as travestis, *drag-queens*, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e outros “carnavalizem” suas performances em plena noite de sábado, antes do domingo do Círio, no mês de outubro, no centro de Belém; **contestar** o “anonimato relativo” das sexualidades dissidentes, visto que, atualmente, o exagero faz parte da festa; e **estabelecer** um caminho de respeito e dignidade ao promover durante a festa os prêmios “Veado de Ouro”, “Botina de Prata”, “Amigo da Chiquita” e “A Rainha do Círio” (FILHO, 2007, p. 19).

Contudo, não poderíamos falar de movimento LGBT em Belém no século XXI, sem ressaltar a profícua reflexão acerca da Festa da Chiquita e sua importância elementar para tal análise. Tal processo sócio-histórico e político da origem e construção do movimento, nos permitir nos adentrar no universo particular de tal investigação social, com minuciosa precisão metodológica.

3. O congresso da cidade em Belém do Pará: *boom* dos movimentos LGBT’s

Outro momento de grande relevância para a organização do movimento LGBT em Belém, está nos processos de realização do Congresso da Cidade, projeto de planejamento participativo vivenciado por ocasião do “governo do povo” no período de 1997-2004, durante a gestão municipal do ex-prefeito Edmilson Rodrigues. A proposta do governo popular e participativo buscou articular a gestão pública às demandas da população belenense, através do diálogo com a sociedade civil organizada, como movimentos sociais, movimentos urbanos e populares, e nesta estratégia participativa estava os movimentos LGBT’s, o Movimento Homossexual de Belém – MHB, que ainda se encontrava em processo de formação.

No contexto do congresso da cidade as lideranças dos movimentos LGBT organizaram o I Congresso de Homossexuais de Belém, para discutir e deliberar políticas municipais destinadas aos segmentos LGBT.

Os primeiros Congressos homossexuais realizados no início dos anos 2000, destacaram-se pelo marco histórico e político das primeiras manifestações sociopolítica

do movimento LGBT de Belém, e também da primeira iniciativa do governo municipal de Belém no diálogo e apoio às atividades do Movimento LGBT.

Nesse sentido, a partir da construção de uma identidade do Movimento Homossexual de Belém, na conjuntura do Congresso da Cidade, o movimento realizou I e II Congresso de Homossexuais, respectivamente nos anos 2001 e 2002, contando com um modesto número de participantes, todavia, a iniciativa pioneira se tornou um marco histórico para os atuais movimentos LGBT's em Belém.

A abertura política (de diálogo com grupos historicamente excluídos) por parte da gestão municipal entre os anos 1997 e 2004, foi um momento histórico para construção da identidade do movimento LGBT de Belém, pois diferentemente do contexto nacional, a região amazônica esteve nesse período fora da centralidade das lutas LGBT's em especial na região sudeste do Brasil, assim como em São Paulo e Rio de Janeiro. Enquanto o movimento do centro do Brasil avançava na reconstrução da identidade do movimento pós a epidemia da AIDS a partir da década de 1980, em Belém o movimento tem uma gênese eminentemente peculiar da região amazônica, através de elementos singulares da ideo-política e cultural que viabilizaram a construção identitária e social dos movimentos LGBT's belenense.

Para Gohn (2011), nos anos 1990, o poder local passa a ser visto de um lado, como sede político-administrativo do governo municipal, mais especificamente de suas sedes urbanas – as cidades e de outro, pelas novas formas de participação e organização popular, como dinamizador das mudanças sociais.

Destaca-se ainda que no período histórico da década de 1990, os processos de globalização econômica e as reformas políticas neoliberais desmantelaram boa parte da capacidade de o Estado controlar via políticas públicas e dialogar com as demais esferas da sociedade civil. Este fato abriu espaço para que as organizações da sociedade civil, ONG's e movimentos sociais conquistassem novos espaços de poder como estruturas instituintes não formais, no lugar de um instituído grupo de lado oposto ao instâncias do Estado Estado (GOHN, 2011).

Poucas obras e referências bibliográficas acerca da história do movimento LGBT em Belém⁶, isto é, a incipiência de tal temática no universo acadêmico e

⁶ Ver: Direitos Humanos: opção política e construção da cidadania em Belém. Belém, SEMAJ, 2003; Belém de todas as falas: testemunhos, relatos e atos do congresso da cidade de Belém. Belém, Vanguarda, 2003. Obras que retratam o movimento LGBT no “Congresso da Cidade”.

investigativo dificulta aprofundar num dado momento tão profícuo para a década 2010. Entretanto, esses desafios na pesquisa social não deve tornar-se como obstáculo para adentrarmos num debate e reflexão de suma importância e necessidade que são os movimentos LGBT's para construção de Políticas Públicas e o enfrentamento a todas e qualquer violação de gênero e identidade de gênero.

4. As paradas LGBT's em Belém do Pará

As Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBTs são a simbologia central da histórica lutas dos movimentos LGBT's, e da manifestação identitária daqueles que ousaram demonstrar a inquietação no enfrentamento às normas da heterossexualidade compulsória na sociedade brasileira.

A década de 1990 foi primordial para o avanço dessas manifestações sócio-políticas e culturais, pois através delas criava-se uma agenda política no qual a sociabilidade e visibilidade LGBT era colocada em xeque, no mais a organização das paradas possibilitou o diálogo com os diversos setores da sociedade, seja na reestruturação inter e intra movimento, com o poder executivo, seja na esfera municipal, estadual e federal, com o poder legislativo e com a grande mídia televisiva e jornalística que decerta forma contribuiu também para essa visibilidade.

Para Prado; Machado (2008), as paradas LGBT's surgiram como uma “terceira onda” do movimento LGBT no Brasil, após o surgimento e epidemia da AIDS com seu cunho extremamente estigmativo como a “peste gay” nos anos de 1980, a partir da década de 1990, essas paradas surgem como novas estratégias organizativas com o fortalecimento e proliferação do movimento.

Segundo Machado (2007), as Paradas LGBT's estão presentes em muitos países e constituem um dos eventos políticos de maior destaque na atualidade. Estes eventos, realizados a partir da mobilização do que se convencionou chamar de movimento LGBT, têm capturado a atenção da sociedade brasileira tanto pelo crescente número de participantes quanto por reivindicações que nos obrigam repensar o campo político e a ampliação dos direitos sociais.

As Paradas LGBT's estão para os movimentos sociais, como estratégias de visibilidade das lutas e enfrentamento às variadas formas de violações aos sujeitos LGBT's,, um processo recente que se inscreve numa conjuntura de arena de lutas e de

potencialização da sociedade civil organizada. Todavia as Paradas LGBT's enquanto manifestação política sofrem críticas constantes, por partes de grupos tradicionais:

O teor político das Paradas GLBT é muitas vezes questionado por fugirem dos moldes tradicionais de ação política, apresentando um caráter festivo de protesto, sendo associada a algo próximo de um “carnaval”, uma festa ou evento meramente cultural. Esta crítica é reforçada pela rápida desmobilização de seus participantes, que põe em dúvida a conscientização política que se abriga nestes eventos: *pontualmente*, se reúnem milhares de pessoas para festejarem e expressarem sua sexualidade; *cotidianamente*, salvo pela atuação dos grupos militantes, a arena pública prossegue esvaziada e invisibilizando a comunidade GLBT (MACHADO, 2007, p. 209).

Outro ponto que desafia as teorias políticas e pode se configurar numa crítica, é o viés mercadológico das Paradas LGBT's, que por esta razão, foram rapidamente absorvidas pela cultura capitalista, deixando de questionar os valores morais vigentes e de exclusão identitária e sócio-cultuais (*idem*).

A visibilidade dos grupos sociais que divergem da heteronormatividade imposta, e de extrema necessidade para a visibilidade como ressalta (MACHADO, 2007, p. 2010):

A noção de visibilidade é extremamente necessária ao movimento GLBT, uma vez que a homossexualidade foi historicamente relegada ao âmbito privado, impedindo que suas demandas se legitimassem como interpelações políticas passíveis de serem debatidas no espaço público. Por este motivo, o conteúdo político expresso na visibilidade homossexual traz novos elementos para o protesto.

E as Paradas LGBT's na região amazônica? como se estruturou as Paradas LGBT's em Belém do Pará? Uma vez que a realidade do movimento LGBT belenense, configurou-se num processo que se difere da região sudeste brasileira. Uma vez que o embrião do movimento em Belém tem suas bases elementares na manifestação “As filhas da Chiquita” como no capítulo anterior e debates iniciais deste trabalho.

Em Belém, a primeira Parada LGBT foi realizada em 28 de junho de 2002, organizada pelo Movimento Homossexual de Belém – MHB, e contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Belém, a partir da construção e reivindicação do MHB construída a partir do Congresso da Cidade (BELÉM, 2003).

Segundo Machado (2007), inúmeras sociabilidades culturais, as Paradas LGBT's chamam a atenção da sociedade tanto pelo crescente número de participantes

quanto por reivindicações que tem colocado na pauta das discussões políticas de vários Estados Modernos temas como: o reconhecimento das parcerias entre casais do mesmo sexo; a criação de políticas públicas próprias para o atendimento da população homossexual; a criação de leis que punam crimes de ódio; constituição de mecanismos políticos e sociais para uma maior visibilidade homossexual.

4.1 Desafios e dilemas para o movimento LGBT no século XXI

Na sociedade brasileira o debate em torno dos “direitos sexuais, LGBT’s e identidades de gênero” é recente, e sua produção bibliográfica e literatura acerca da temática se construiu a partir de iniciativas de pioneiros e pioneiras, cujas iniciativas ousaram em desconstruir a visão acadêmica de outrora, patologizante e moralizante, na construção de um legado que traz reflexões políticas, analíticas, identitárias, sociabilidade e mobilização, (FRY E MACRAE, 1985; FACCHINI, 2005; PRADO E MACHADO, 2008; SIMÕES E FACCHINI, 2009; GONTIJO, 2009; LOURO, 2016).

O movimento LGBT brasileiro teve o primeiro rechaço e violação por parte do atual governo federal em exercício, através do pedido de revogação do Decreto N° 8.727, de 28 DE abril de 2016 que garante o nome social de Travestis e Transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, O projeto de decreto legislativo que visa revogar o Decreto do Nome Social tem o apoio dos seguintes partidos: PSDB, PRB, PV, PR, PHS, PSC, Pros, DEM e PSB e organizado por pastores e conservadores. por parte do atual governo em exercício, composto por uma bancada evangélica fundamentalista sexista, heterossexista e homofóbica que surge com suas forças opressoras mais forte do que nunca, através do espaço no qual reverberam a prática ideológica, em que a opressão e a repressão com bases em dogmas cristãos são disseminados.

Deputados de nove partidos⁷ deram entrada a uma proposta que revoga o decreto presidencial que permite o uso do nome social⁸ e o reconhecimento da identidade de gênero de travestis e transexuais em toda a administração pública federal.

⁷ Deputados querem impedir uso de nome social por transexual no serviço público. Disponível em: <http://www.clippinglgbt.com.br/deputados-querem-impedir-uso-de-nome-social-por-transexual-no-servico-publico/>, Acesso em: 23 maio 2016.

⁸ Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

A autorização, assinada pela presidente afastada Dilma Rousseff no último dia 28 de abril de 2016, é contestada por parlamentares evangélicos e católicos.

O episódio da bancada parlamentar fundamentalista é histórica, e remete ao contexto que antecede e é posterior a redemocratização brasileira, entre as décadas de 1960 e 1980 a ditadura militar deixou lastros e resquícios da hegemonia da classe dominante, com a primazia ideológica heteronormativa.

A história se repete como ressalta Trevisan (2004, p. 158):

Em Brasília, durante a aprovação da nova Constituição de 1988, o plenário do Congresso Constituinte votou quase em peso contra a inclusão do item que proibia discriminação ‘por orientação sexual’. A bancada evangélica bateu palmas, ante a derrota da assim chamada ‘emenda dos veados’ ou, para usar os termos do líder do governo Carlos Sant’Anna, emenda da ‘desorientação sexual’.

As velhas práticas são reconstruídas no cotidiano, por um viés que torna-se cada vez mais contraditório, em que pese a hierarquia sexual como um pilar da construção da homofobia e inferiorização dos sujeitos sociais LGBT’s, e em contrapartida os movimentos LGBT’s devem redesenhar as novas estratégias de lutas, assim como rever as antigas e novas bandeiras lutas da cidadania LGBT no Brasil.

Para Birman⁹(2016), trata-se de “violência psicológica” a tentativa de proibir travestis e transexuais de usar seus nomes sociais, obrigando-os a manter os nomes de suas certidões de nascimento. O país passa por uma fase de retrocesso em relação à sexualidade humana na atualidade.

Segundo Löwy (2016), o que a tragédia de 1964 e a farsa de 2016 têm em comum é o ódio à democracia. Os dois episódios revelam o profundo desprezo que as classes dominantes brasileiras têm pela democracia e pela vontade popular, e a reprodução da exclusão social daqueles que não segue as normas impostas pela ideologia dominante.

Fazer analogias dos períodos históricos é essencial como afirma Löwy (*idem*):

Em 1964, grandes manifestações “da família com Deus pela liberdade” prepararam o terreno para o golpe contra o presidente João Goulart; dessa vez, multidões “patrióticas” – influenciada pela imprensa submissa – se mobilizaram para exigir a destituição de Dilma, em alguns casos chegando a

⁹ ‘Impedir trans de usar nome social é violência’, de Birman, Joel (2016). Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/impedir-trans-de-usar-nome-social-violencia-diz-psicanalista-19346079#ixzz49LyXUVmv>. Acesso em: 23 maio 2016.

pedir o retorno dos militares... Formadas essencialmente por brancos (os brasileiros são em maioria negros ou mestiços) de classe média, essas multidões foram convencidas pela mídia de que, nesse caso, o que está em jogo é “o combate à corrupção”.

Neste cenário de profundas contradições e distorções ideo-políticas que o movimento LGBT tenta suspirar e aliar-se às novas formas de organizações e associativismo de um movimento tão recente se comparado aos movimentos sociais clássicos. O movimento LGBT que tem sua gênese na década de 1970 reage com as novas expressões que se constrói e se movimenta num processo em curso, com um direcionamento que ainda terá elementos primordiais para seu amadurecimento nesta conjuntura de crise.

A década de 2010, assim, trouxe conquistas para a cidadania LGBT, também acumula retrocessos históricos e um amargo sabor de derrota para os Movimentos LGBT's. Em 2011, o Projeto “*Escola sem Homofobia*”¹⁰ que compunha o “*Programa Brasil sem Homofobia*” de 2007, foi vetado pelo Governo Federal, o Projeto tinha como objetivo o enfrentamento a violência LGBT nas Escolas públicas do Brasil, com principal objetivo de formação dos educadores para trabalhar com assuntos acerca de gênero, identidade de gênero, sexualidade e homofobia em salas de aula.

A banca fundamentalista e religiosa do Congresso nacional criou estratégias de combate tal Projeto, criou-se um estigma ideológico no qual se repercutiu do “Kit Gay” queria uma forma de estimular o “ homossexualismo e promiscuidade” para as crianças brasileiras.

Outra derrota para cidadania LGBT brasileira foi o arquivamento do Projeto de lei 122 de 2006¹¹ a “PLC 122/2006” que tinha como objetivo criminalizar a homofobia no Brasil, em 2015 após 8 anos de tramitação no Senado, foi arquivado, após intensas lutas dos movimentos LGBT's e grandes críticas da bancada religiosa e conservadora, a proposta foi extinta do cenário político-partidário brasileiro.

Desde 2013 tramita na Câmara Federal, o Projeto de lei João Wnery elaborado pelo Deputado Jean Wyllys – PSOL-RJ, atual e legítimo representante da população LGBT no legislativo federal, juntamente com a deputada federal Érika Kokay PT-DF,

¹⁰Vídeos disponíveis para download em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/02/11/baixeo-escola-sem-homofobia-chamado-por-intolerantes-de-kit-gay/>.

¹¹ Projeto de lei PLC 122/2006, disponível na íntegra em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>.

juntos e como minoria os parlamentares unem forças e levantam a bandeira LGBT e todas e quaisquer formas das opressões e violações de gênero no Brasil.

Além de estar presente no debate político e na proposta de construção de marco legal e legislações de enfrentamento à homofobia no Brasil, a visibilidade LGBT também está presente no cenário comercial e mercadológico que faz parte do consumo em massa da população LGBT. Assim, como nos espaços clássicos de sociabilidade e lazer dos sujeitos em *Saunas, Bares LGBT's, boates* etc, o consumo de produtos estético, fetichista e de acessórios comuns, crescem numa constante no mercado livre e porque não dizer na indústria Pink?.

Segundo Trevisan (2004), que importa mais do que nunca é o consumo, de modo que a própria moral passou, em certa medida, a depender do mercado – como mostram as incursões “avançadas” da TV globo na área de costume.

Considerações finais

Em meio às lutas sociais, percebemos os dois principais protagonistas da arena de lutas sociais, de forma singela e atenuada, de um lado o Estado com seu poder e máquina da classe dominante e de outro a sociedade civil organizada, num duelo de interesses, políticos e de conflitos ideológicos, decerto que as atuais políticas públicas e sociais não foram alcançadas por puras iniciativas estatais, mais sim por inúmeras lutas, que em sua longa trajetória conquistou êxitos e derrotas, e atualmente vem construindo agendas de discussões e planejamento político.

A construção de uma sociedade mais justa e sem qualquer tipo de discriminação seja racial, gênero, infanto-juvenil, desigualdade social etc, é um desafio para toda sociedade civil organizada, categorias de profissionais do Serviço Social e demais áreas que fazem parte dessa reflexão acerca do enfrentamento à LGBTfobia e estão sob os desafios da perspectiva de uma sociedade democrática e de direitos.

Antes de tudo a sociedade civil organizada, movimentos sociais, trabalhadores, artísticas, cidadãs e cidadãos independente de identidades e pertencimento de classes, devemos buscar estratégias de ultrapassar a segmentação, individualismo e sectarismo para que o Estado democrático de direito não seja aviltado e que a cidadania brasileira tão recente seja esfacelada pela atual conjuntura de retrocessos sociais e políticos.

Ressaltamos que este trabalho não se esgota com esta conclusão, tão pouco partiu de premissas estáticas ou verdades absolutas, pelo contrário buscamos na história e dialética da sociabilidade humana e os diversos elementos que corroboram para uma

ciência que valorize a dignidade humana, através de uma ideologia humanista e progressista que inclua e não exclua.

Referências

BIRMAN, Joel. **‘Impedir trans de usar nome social é violência’**. 2016. Disponível em : <oglobo.globo.com/sociedade/impedir-trans-de-usar-nome-social-violencia-diz-psicanalista-19346079#ixzz49LyXUVmv>. Acesso em: 30 maio 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – São Paulo.

FILHO, Milton Ribeiro da Silva. et al. **A Filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindóia-SP. **Anais eletrônicos...** Águas de Lindóia: SBS, 2012.

Disponível em:

<http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8229&Itemid=76>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, São Paulo, 2014

FRANCO, José Luiz de Moraes; GONTIGO, Fabiano. **Memórias do Movimento LGBT: da sociedade Mattachine ao Estado do Pará, a conquista de direitos e suas demandas sociais**. 2015. Disponível em: <eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020836_30_06_2015_16-30-56_1695.PDF>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LÖWY, Michael. **O golpe de Estado de 2016 no Brasil**. 2016. Disponível em: <blogdaboitempo.com.br/2016/05/17/michael-lowy-o-golpe-de-estado-de-2016-no-brasil>. Acesso em: 24 maio 2016.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito além do arco-íris**. a constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o Estado. 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.

MONTAÑO, Carlos. DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Biblioteca básica de Serviço Social).

_____. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. **O negócio do desejo**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a22.pdf>>. Acesso em 15 nov.2016.

SOUZA. C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul./dez. 2006.